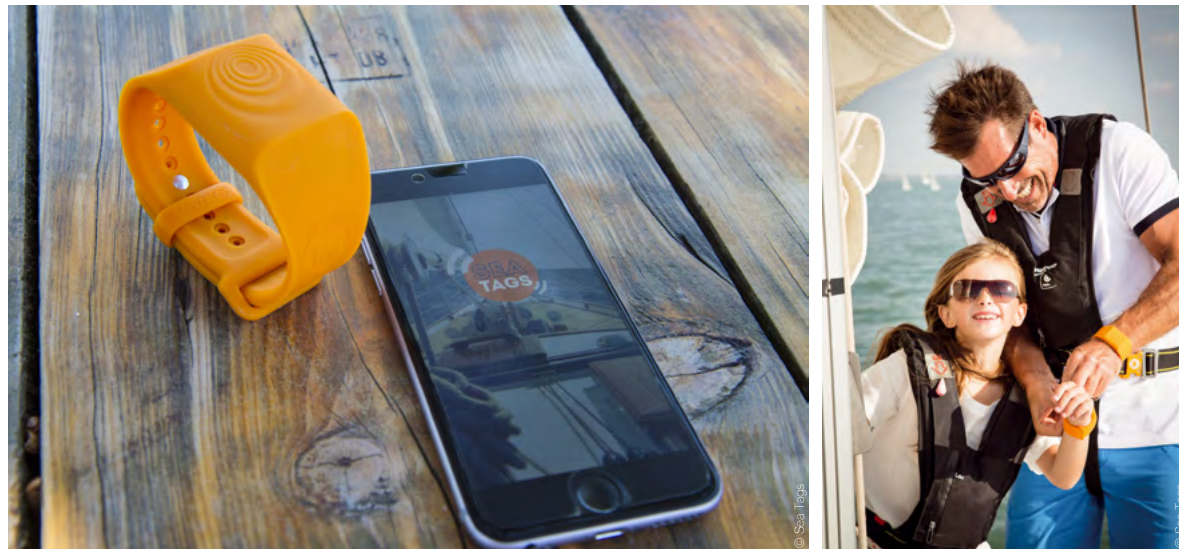


Projetos marítimos em curso

Rentabilizar o mar, um gigante com muito ainda para explorar

Texto Inês Ruivo



Num país de elevada extensão de costa marítima, são inúmeras as formas de a explorar e rentabilizar. Há quem considere que a importância dada ao mar está em crescimento, como o CEO da Flowtech, Miguel Fernandes, que afirma: “acho que já existe uma consciência sobre a importância do mar e da sua economia para o País. Estão claramente a decorrer medidas de exploração deste nosso bem que é o mar, desconheço, no entanto, se esta estratégia está concertada entre todos os players associados.”

Para outros, a importância dada ao mar é ínfima, quando comparada com a sua grandiosidade, como é o caso da Windfloat: “as atividades marítimas têm perdido muita importância ao longo das últimas décadas, por distintas razões”. No que respeita à exploração, “ainda temos dificuldade em mobilizar os meios necessários para fazer crescer rapidamente os nossos projetos”, apesar de existirem muitos jovens talentosos em Portugal, refere Pedro Araújo Manuel, CEO da Bitcliq.

As opiniões diferem em alguns pontos, porém, num a opinião é unânime: é claramente um recurso a valorizar e aproveitar... de forma sustentável, claro!

Pulseiras Sea Tags, segurança na costa ou alto-mar

Uma pulseira submersa pode salvar vidas. Para isso, basta um smartphone com a aplicação instalada e uma pulseira Sea Tags. Assim que esteja submersa ou muito longe da embarcação, o(s) smartphone(s) acionam o alarme

e registam em que posição se encontrava na altura do incidente. Esta tecnologia foi criada a pensar principalmente nas embarcações de recreio.

O sistema pode ser monitorizado por vários telemóveis em simultâneo para a segurança de toda a tripulação. A aplicação é gratuita e utiliza as tecnologias Bluetooth e GPS. As pulseiras foram criadas pela empresa francesa Securitag SAS e são exploradas em Portugal pela Orey Técnica Naval.

O equipamento funciona segundo duas funcionalidades: Crew Mode e Solo Mode. Para a utilização da Crew Mode não é necessária cobertura de rede no smartphone, mas é imprescindível ter o Bluetooth ligado. É possível monitorizar toda a tripulação através da conexão das pulseiras de todos os smartphones que se encontram a bordo. Para a Solo Mode é necessária a cobertura de rede no smartphone. No caso de Homem ao Mar, o smartphone que ficou a bordo envia mensagem de texto para um contacto em terra com a localização exata onde ocorreu o incidente. O contacto ao receber a informação, poderá contactar as autoridades para procederem ao resgate do naufrago.

Para Mário Afonso, diretor da Orey Técnica Naval, o sistema é bastante inovador e vantajoso em alto-mar, por ser muito menos dispendioso que os meios apresentados antes deste sistema. “Os dispositivos eletrónicos de homem-a-mar, todos eles importantes e complementares, até aqui eram fundamentalmente três sistemas. Um baseia-se



tornem obsoletas, e as políticas governamentais devem cada vez mais premiar essa mesma inovação.”

A chegada ao mercado está prevista para o próximo ano.

Flowtech, solo inteligente

Controlar a produção e a qualidade na Agroindústria portuguesa é o desafio de Miguel Fernandes. “O ecossistema de desenvolvimento das tecnologias de gestão industrial, é constituído pela relação com os clusters do Mar, a Fórum Oceano e com o Inovcluster, onde colaboramos em conjunto na resolução dos problemas industriais dos seus associados, com relevo na agroindústria.” A sua experiência acumulada em conhecimento teórico e prático face à realidade industrial levou ao surgimento da Flowtech.

Esta “assume-se rapidamente como especialista na área dos sistemas de informação verticais para controlo da produção Agroindustrial em Portugal, particularmente na categoria de Manufacturing Execution Systems (MES)”, afirma o fundador.

A Flow M é um dos serviços disponibilizados pela Flowtech. O sistema permite a recolha e análise de dados do processo produtivo diretamente do chão fabril para que possam ser analisados em tempo real. “O FLOW M, é um destes sistemas da Indústria 4.0 que apoia os nossos clientes a enfrentarem os elevados níveis de competitividade,

amplificados pela concorrência global e que leva à redução substancial das margens de lucro.”

A forma como são implementados os ecrãs de controlo de produção são totalmente inovadores, garante Miguel Fernandes. “Na prática, os processos de implementação da tecnologia FLOW M implicam uma parametrização e não uma programação”, o que considera importante, uma vez que não necessita de informáticos para a sua implementação, tornando-a mais célere e fácil.

“O projeto de extensão do alargamento da plataforma continental portuguesa em curso é de alta relevância e se aprovado permitirá catalisar a exploração da economia do mar ao nível da: Construção e Manutenção/Reparação Naval; Transportes Marítimos, Portos, Logística e Expedição; Pesca, Aquacultura e Indústria do Pescado; Ação do Estado no Mar (Defesa, Segurança e outras funções); Entretenimento, Desporto, Turismo e Cultura, Seguros e Financiamento Marítimos; Formação, Conhecimento e Emprego Marítimo (Capital Humano).” Para além disso, “existe um potencial elevado na exploração: da energia das ondas; da energia eólica offshore; da biotecnologia; dos recursos naturais; e da robótica marinha”.

Segundo Miguel Fernandes, a tecnologia permite que cada cliente seja único, uma vez que esta se adapta às necessidades de cada um. Quanto às apostas, têm sido feitas não na participação de concursos, mas em candidaturas dentro do QREN, P2020 e da União Europeia. Para o próximo ano, pretendem aumentar os recursos humanos de modo a permitir a consolidação no mercado nacional e o arranque no processo de internacionalização. “Acredito que a Flow pode ser um grande player mundial a médio prazo, no suporte às operações de transformação industrial com os seus sistemas de informação e tecnologias de integração de dados (IoT). A nossa abordagem tecnológica está alinhada com a indústria 4.0, percebendo estrategicamente que a indústria 4.0 não é uma meta mas um caminho que as empresas tem que percorrer.”

As estreitas relações com vários institutos têm-se revelado proveitosas, nomeadamente: com a FEUP, Faculdade de Engenharia da Universidade do Porto, a qual originou a patente Surface-T, dispositivo para monitorização e registo da temperatura no transporte e armazenamento de produtos sensíveis à temperatura; e o CIIMar, Centro de Investigação Interdisciplinar do Mar, que tem em curso uma patente. “Colaboramos também com outras Universidades na difusão das nossas tecnologias como ferramentas de trabalho futuras para os alunos, destacando o ISA – Instituto Superior de Agricultura; Instituto